

Amigo teve mau presságio

Belo Horizonte — Ao deixar o Edifício Maleta, na Rua Bahia, às 14h, Alexandre Marins Monteiro, 20 anos, estava triste. Ao primo, Luís Sérgio, como ele de Lavras, cidade do Sul de Minas, confessou: “Eu gostava muito do Tancredo. Chorei muito com a morte dele e não durmo hoje se não vê-lo no caixão”. Não viu. Às 15h30min já estava morto, pisoteado perto das grades do Palácio da Liberdade. Nas mesmas condições morreram outras três pessoas e 271 ficaram feridas.

Luís Sérgio Terra, 24 anos, antes de chegar à Praça da Liberdade, teve um mau pressentimento. À noite, no Instituto Médico-Legal, diria: “A organização e a polícia erraram. O corpo de Tancredo passou muito rápido pelas ruas e o povo, que queria vê-lo em sua terra, teve que ficar atrás das cordas. Depois todos foram para a praça ansiosos e com raiva”. Alexandre, não.

“Não tem nada que me impeça de ir ao **Rock in Rio** no próximo ano”, disse ele ao primo. Alexandre gostava de **rock** como de política. Assim, deixou a Rua da Bahia, passou pela Avenida Afonso Pena e subiu a João Pinheiro lendo todas as faixas com frases de Tancredo Neves. “Essa é a que eu mais gostei”, disse a Luís Sérgio, apontando para o alto de um poste onde se lia:

“Minas. Teu outro nome é liberdade.”

Luís Sérgio, na entrada da Praça da Liberdade, perdeu-se de Alexandre, estudante de engenharia civil. Com o tumulto em frente ao Palácio, onde a polícia espancava populares indiscriminadamente para impedir que as grades fossem derrubadas, ele preferiu voltar para a república que dividia com o primo morto. “Às 18h, sua sogra telefonou avisando:

“O Alexandre está morto. Deu na televisão.”

Quando chegou ao Pronto Socorro do Hospital João XXIII, uma hora depois, Luís Sérgio assustou-se. Espalhados pelos chão, dezenas de feridos gemiam. Aquela hora, segundo o coordenador médico do HPS, Antônio Faria Verchio, 80% dos 271 feridos já haviam sido

liberados”. Restavam, além dos cinco mortos, “sete pessoas em estado grave e três pessoas em estado gravíssimo na UTI”, informou Verchio. Nos 20 postos de emergência instalados no palácio e proximidades, a situação também era grave.

Se no Hospital João XXIII o coordenador Verchio tinha 24 médicos, 32 enfermeiros e 15 residentes, além de outros 40 voluntários para atender os feridos amontoados nas unidades 6 e 8, o palácio estava despreparado para a tragédia. Em seus jardins e dependências havia quase 500 pessoas precisando de atendimento. As rádios e televisões passaram a convocar, com urgência, médicos e enfermeiros. A biblioteca, a capela, a cozinha, os salões inferiores, encheram-se de feridos. A maioria com crises de taquicardia, histeria e com fraturas.

O Doutor Verchio, por sua vez, lembrou-se de apenas dois episódios que lhe deram mais trabalho: “Quando caiu o pavilhão da Gameleira, que teve 70 mortos, e quando um ônibus despencou do Viaduto das Almas, com uns 40 mortos”. E foi o médico quem informou a Luís Sérgio: “O Alexandre já foi para o IML”.

— Que pena — lastimava no Instituto Médico Legal o primo de Alexandre. “Ele era o caçula, tinha três irmãs, e seus pais tinham muita esperança nele, o único que ia acabar os estudos”. Os pais, Geraldo Gonçalves Monteiro e Neide Marins Monteiro, funcionários aposentados da Rede Ferroviária Federal, acompanhavam, em Lavras, o funeral de Tancredo pela TV quando ouviram o anúncio da morte do filho. Passaram a esperar seu corpo para enterrá-lo.

— Pior ainda são essas mulheres — comentou, desolado, Luís Sérgio no IML. Referia-se a outros três corpos pisoteados na Praça da Liberdade e à espera de identificação nas geladeiras do necrotério. Até às 21h, seus prontuários indicavam: “Cor morena, perto de 60 anos; desconhecida número 79. Cor morena, perto de 55 anos; desconhecida número 80. Cor branca, mais ou menos 52 anos; desconhecida número 81”.